

Palestra do Guia Pathwork® nº 116
Palestra Não Editada
21 de junho de 1963

ALCANÇANDO O CENTRO ESPIRITUAL – A LUTA ENTRE O EU INFERIOR E A CONSCIÊNCIA SUPERPOSTA

Saudações, queridos amigos. Bênçãos para todos vocês. Abençoada seja esta hora.

Nesse último ano em que trabalhamos juntos, todos os meus amigos que executaram um trabalho real e verdadeiro no caminho, que superaram a resistência intrínseca a encarar a si mesmos para poder mudar, fizeram avanços consideráveis. Acho que a maioria de vocês sabe disso. Talvez nem sempre tenham percebido toda a dimensão e a importância do processo contínuo de crescimento pelo qual vocês passam. Mas eu me arrisco a dizer que a maioria sente uma ampliação da consciência, uma elevação da consciência em muitos aspectos. Muitas vezes, quando a vida parecia anteriormente sem esperança, porque as soluções externas, fora do controle, pareciam cada vez mais inatingíveis, vocês passaram a vislumbrar um raio de luz, a ter uma compreensão mais profunda dos distúrbios interiores. Vocês passaram a entender por que uma determinada infelicidade ou insatisfação é o resultado do erro e confusão interiores. Esse fato, sozinho, já traz inevitavelmente esperança e segurança. Ele elimina a sensação de ser uma vítima inocente de circunstâncias que estão fora do seu controle. Ao entender um pouco mais a causa e efeito na sua própria vida, ao ver essa lei na prática, vocês adquirem um senso de segurança e percebem que afinal, não é tão ruim viver neste mundo. Esses pensamentos podem não ser conscientes, mas são um efeito que aparece na psique depois de atingido um grau suficiente de compreensão.

Alguns podem estar agora em uma das fases antes de um reconhecimento importante, quando tudo parece ainda mais confuso. Nessas ocasiões, a luta costuma ser muito sofrida, até estarem verdadeiramente diante de uma área que preferiam evitar. Então, como todos já descobriram, o sentimento de libertação e força, de esperança e luz é tão profundo que seu efeito pode perdurar para sempre. Mas enquanto vocês estão travando essa luta, pode ser que a visão geral do caminho fique enevoada. Nesses períodos, é difícil avaliar o que já conquistaram, o que falta fazer, onde se encontram, e até que ponto compreenderam totalmente seus distúrbios e desvios interiores. Mesmo assim, mesmo nessas fases, agora vocês já se aprofundaram bastante em seu interior para ter algum grau de consciência do progresso feito e do que ainda falta fazer. Saber especificamente em que aspecto da vida ainda se sentem presos e obstruídos, defensivos e ansiosos, é da maior importância. Em algumas ocasiões, será bom avaliarem o progresso obtido, bem como o que ainda está por fazer, perguntando a si mesmos em que aspecto passaram a entender seus problemas, em que aspectos continuam oferecendo resistência à mudança, apesar da compreensão adquirida, e em que aspectos vocês realmente resolveram alguns problemas. Fazer de vez em quando esse inventário, ou outro nome que queiram dar a isso, é muito proveitoso.

Nesta última sessão do ano, gostaria de reafirmar algumas facetas e metas desse caminho de autoconhecimento. Para o homem que vive o dia-a-dia sem entender a relação entre ele e sua vida, o

desespero é inevitável. Sabendo ou não, ele passa pela vida em busca da resposta. Em geral, ele busca essa pergunta no exterior, onde, como sabem, ela jamais será encontrada. Essa busca externa pode assumir várias formas. Por um mecanismo consciente ou inconsciente, ele pode esperar que os outros se dobrem à sua vontade, para que ele possa ser feliz. Quando isso não acontece, ele fica zangado, ressentido, e muitas vezes cheio de autopiedade. No entanto, todas essas emoções podem ser inconscientes. Outra forma de busca externa é a procura de teorias e respostas na filosofia, na religião, na ciência. Na verdade, essas fontes podem fornecer muitas respostas valiosas e válidas. Mas elas não ajudarão o homem se ele não usar essas respostas como uma luz norteadora para começar a profunda busca interior. Enquanto o conhecimento não passar de conhecimento, ele não fará nenhum bem. Deixará de dar substância e sentido à vida.

Quero aproveitar esta oportunidade para reafirmar o que eu já disse tantas vezes e que alguns já começaram a perceber – mesmo que seja raramente, e de maneira incipiente – ou seja, que o homem contém em si todo o conhecimento, toda a sabedoria e todos os poderes de que pode precisar para viver uma vida satisfatória. Eu já disse isso tantas vezes que talvez vocês estejam cansados de me ouvir repetir sempre a mesma coisa. Mas, infelizmente, são poucos os que realmente entendem a importância dessas palavras. Elas são encaradas como uma teoria, sem efeito real, apesar do fato de seguirem o rumo certo neste caminho, que leva para o mundo interior do seu ser, e no qual vocês vão encontrar tudo de que precisam. Uma coisa é realizar este trabalho de autoconhecimento com uma noção vaga, uma visão nebulosa de que vão se tornar pessoas mais felizes e satisfeitas. Outra coisa é ter um objetivo claro e conciso, saber o quanto é importante que, no fundo da alma, vocês abrigam um poço de sabedoria, conhecimento, poder, amor – a solução para tudo que os deixa perplexos e confusos. Saber disso e avançar conscientemente na direção certa os ajudará a reunir forças para superar a resistência que sempre é um entrave para o autoexame totalmente franco, por mais doloroso que às vezes possa parecer.

A meta da busca, do entendimento, da solução dos conflitos e distorções interiores é, em última análise, levá-los ao contato com esse núcleo mais profundo – com o tesouro do amor divino, da sabedoria, da força que são inerentes a todos. Se essa meta for claramente definida, deixará de haver conflito entre os interesses espirituais e mundanos.

Os seres humanos têm dois tipos de atitudes fundamentais. Um tipo de personalidade procura Deus. Procura o desenvolvimento espiritual. Deseja tornar-se uma pessoa melhor. Sua infelicidade e confusão o levam à busca espiritual. Como eu disse antes, muitos erram o caminho porque armazenam conhecimento relativo a teorias e doutrinas espirituais, sem dar o passo decisivo em sua própria alma. Mas se a mente assimila esse conhecimento apenas como um passo preliminar para transcender a mente, se houver o reconhecimento de que as obstruções da personalidade precisam ser entendidas e eliminadas para atingir o centro espiritual, a pessoa deixará de considerar que a vida com Deus entra em contradição com a vida da realização pessoal. A realização pessoal não parecerá egoísta e oposta à vida espiritual. Esse equívoco é comum entre pessoas que buscam a espiritualidade mas ainda não deram o passo final com relação a seus conflitos interiores, suas confusões íntimas. Quando elas reconhecem esses conflitos e confusões, elas o fazem apenas em teoria, esperando que seus defeitos sejam eliminados por meio de uma conveniente intervenção de um Deus exterior e da graça espiritual.

A outra atitude é a perspectiva da vida a ser vivida com o maior grau possível de felicidade e satisfação. Não estou me referindo à visão insensível de algumas pessoas que simplesmente não se

importam com os outros. Estou me referindo àquelas que têm padrões de decência, que não querem o mal dos outros. Mas não estão interessadas em atividades espirituais. Há muitas pessoas assim que, por meio de sua inteligência, perceberam que os problemas devem estar dentro delas, e que tomam providências – possivelmente usando a psicologia terrena – para descobrir e corrigir as distorções. Se a pessoa se aprofundar o suficiente, se sua pesquisa for suficientemente profunda, e por consequência tiver início um processo de crescimento interior, se a busca não for interrompida no meio do caminho, ela acabará atingindo esse centro interior que nem sabia que existia. Ao encontrá-lo, ela descobre a realidade de Deus. Não pode ser de outra forma. Essa experiência interior mostrará que aquilo que a religião convencional ensina contém uma grande dose de verdade, que no entanto é tão diferente. Mostrará que encontrar o Deus interior não significa renunciar à felicidade pessoal – equívoco muitas vezes presente nas pessoas não religiosas. As fissuras e divisões, as contradições e “ou isso ou aquilo” são um produto da separação, do erro e da confusão. Na verdade, tudo é um, mas que isso não seja mera teoria. Sintam isso ao descobrir o centro do seu próprio ser, onde de fato vocês se realizam, e percebem que as incompatibilidades se unem.

Já faz muito tempo que temos – e continuaremos a ter – o objetivo de descobrir o quê, em vocês, atrapalha o contato com o centro mais interior do eu. Não há outro meio de atingi-lo. Não existem atalhos. E, meus amigos, não pensem que a chegada a esse tesouro é um acontecimento súbito e dramático. O processo é sempre gradual. Em muitos casos, vocês nem mesmo sabem que, em alguns aspectos, já o atingiram, enquanto em outros ainda não conseguiram fazê-lo, porque ainda restam barreiras. Pode haver marchas e contramarchas, podem oscilar até terem liberdade suficiente e consciência suficiente para funcionarem basicamente a partir do centro interior. Isso não significa que serão perfeitos, que terão superado todos os problemas e instintos inferiores. O profundo conhecimento e a consciência total deles indicará que o núcleo do eu espiritual não está mais oculto e fora de alcance.

Quanto mais uma pessoa está infeliz e perdida, tanto mais se sente vazia e faminta – faminta talvez de afeto e entendimento – e tanto menos está em contato com o eu interior real, que tem o poder de nutri-la constantemente, de sustentá-la e guiá-la para permitir a total realização de sua vida. A solidão será preenchida porque ela passará a entender o motivo real de sua solidão.

Cada vida tem algo mais a preencher – e todas as vidas têm o mesmo a preencher. Isso também pode parecer contraditório, mas não é, meus amigos. Não se esqueçam de que o objetivo deste caminho é encontrar esse centro do seu ser, que é a realidade, que é Deus, e através do qual vocês conseguirão a realização completa – não isolados, e sim unidos. Se procurarem atenuar o isolamento buscando do lado de fora, ficarão necessariamente mais isolados. Se buscarem o lado de dentro, pode parecer que se isolam dos outros por causa dessa aparente preocupação consigo mesmos, mas vão abrandar o isolamento e a separação que tantas vezes provocam tanto sofrimento e solidão. Como o eu espiritual interior é o mesmo que o eu espiritual de todas as outras pessoas, a separação é eliminada no momento em que deixam de estar separados do centro espiritual. O eu real é o eu real da outra pessoa. Não há barreiras entre eles. A barreira reside apenas nas camadas de cobertura.

Alguns dos que seguem este caminho disseram que algumas facetas do trabalho de autoexame têm semelhança com a psicologia terrena. Isso pode ser verdadeiro até certo ponto. No entanto, uma das maiores diferenças é o objetivo final bem definido. Na psicologia terrena, o objetivo é solucionar os conflitos interiores para que a pessoa possa funcionar melhor. Como eu já disse, esse fato, como se fosse sem querer, acaba colocando o homem em contato com seu centro espiritual. Mas

esse não é o objetivo em si. O nosso objetivo é exatamente esse – e todos os problemas são necessariamente solucionados ao longo do caminho. Neste caminho, vocês deixam de se preocupar com credos, dogmas e doutrinas, assim como um psicólogo terreno não se preocupa com esses dogmas com relação a seus pacientes. Todas as opiniões sobrepostas, sejam verdadeiras ou falsas, são um entrave ao desenvolvimento pessoal. Mas neste caminho e com a nossa orientação específica, nós nos preocupamos com a realidade desse centro espiritual interior. Quando ele é liberado, a questão deixa de ser seguir teorias ou credos. Deus passa a ser uma experiência pessoal que está além das provas, e que não precisa ser provado. Essa realidade só pode ser vivenciada se todos os entraves forem removidos. Como sabem muito bem, são os seus equívocos e confusões pessoais, as suas conclusões errôneas que distorcem essa realidade. Em última análise, toda infelicidade, todo esforço penoso é resultado da ignorância e da má compreensão. Todo problema interior que vocês trazem à tona é sempre uma distorção da realidade. Quando vocês são regidos por essas distorções da realidade imediata, acessível, vocês não podem captar a extensão dessa realidade num plano mais amplo. Essa realidade espiritual, que é sempre e unicamente encontrada mediante a experiência interior, jamais contradiz a realidade acessível, se esta for penetrada a fundo. Para isso, é preciso questionar, formular e reformular as suas atitudes pessoais, suas perspectivas e conceitos. É preciso investigar as suas reações automáticas, inconscientes, para descobrir qual é o significado e a importância dos conceitos que estão por trás, para que esses conceitos sejam levados à superfície e avaliados. Esse processo permitirá entender como estão fora da realidade e, assim, chegar cada vez mais perto da realidade, no sentido mais amplo possível.

Agora eu gostaria de falar sobre uma das principais facetas da confusão interior e das batalhas que ocorrem na psique do homem. Já discutimos esse tópico antes sob vários aspectos, mas agora gostaria de abordar novamente esse importantíssimo problema de uma maneira mais direta, mesmo que parte seja uma repetição do que já enfoquei recentemente em nosso último grupo de discussão e também em algumas sessões privadas com alguns.

Uma das mais trágicas batalhas interiores do homem é a luta entre o que chamamos eu inferior e a consciência sobreposta. Muitas vezes uma expressão ou termo usados sem a real compreensão de seu significado mais profundo perde o impacto, como se fosse um papagaio repetindo uma palavra. Isso é prejudicial e tem o efeito contrário ao que procuramos obter – compreensão independente, pensamento criativo. Portanto, é importante, de vez em quando, redefinir um termo, vê-lo de um novo ângulo não só para evitar confusões, mas também pensando na abordagem e na compreensão de vocês. Assim, vamos resumir sucintamente o que significa eu inferior. O eu inferior não é apenas aquela parte da natureza humana que contém as falhas e os defeitos de caráter; ele também possui algo mais sutil e difícil de definir. O melhor meio de descrevê-lo é um clima geral, uma perspectiva emocional de egocentrismo. Independentemente de boas intenções, atos altruístas, atitudes que revelam consideração pelos outros, esse mundo interior de egocentrismo existe. Quanto mais fortes forem aqueles primeiros elementos, tanto mais difícil fica descobrir, reconhecer e aceitar a existência do egocentrismo. Quanto mais esse egocentrismo infantil e unilateral estiver oculto por vergonha e culpa, tanto menos ele consegue superar sua unilateralidade. Vocês precisam adquirir uma consciência aguda da preocupação com vocês mesmos, muitas vezes absurda, à exclusão de tudo o mais. Nessa área do seu ser, vocês desejam reinar absolutos. Não querem saber dos interesses dos outros, que vocês violam a qualquer custo, de modo que um desejo mesquinho, uma pequena confirmação da sua vaidade possam prevalecer sobre questões mais importantes de outras pessoas. É verdade que nem sempre vocês agem assim, mas no que diz respeito aos desejos e metas, reagem a partir do eu inferior, de maneira meio consciente e meio inconsciente.

O problema é muito menos o fato de sua existência, e muito mais a natureza da reação a ele. A vergonha e a culpa são resultado de um desses equívocos que eu mencionei, que impedem o crescimento e o desenvolvimento. Esse equívoco nasce da ideia de que vocês, entre todos os outros, na verdade já deveriam ter superado totalmente essa faceta, que não deveria haver lugar para esse egoísmo infantil, essa preocupação despropositada consigo mesmos. Assim, vocês dão origem a um complicado sistema de engano e fingimento, que os leva a círculos viciosos e conflitos interiores que acabam com a felicidade e o respeito por si mesmos. Muito poucas pessoas aceitam a existência do seu eu inferior. Elas parecem aceitar, tomando-se por base o que dizem, suas teorias e seu conhecimento. Mas quando se trata de determinadas facetas do eu inferior, percebe-se que na verdade não há aceitação. Elas não admitem de fato sua existência. E este é o único meio de superar gradualmente o eu inferior. Quem nega sua existência necessariamente deixa de ver suas manifestações – como ele se expressa nas emoções vagas que são imediatamente encobertas e tiradas do campo de visão. Como podem superar algo se não tomarem pleno conhecimento de sua manifestação da maneira mais específica? Certamente não pelo conhecimento teórico, geral de sua existência!

Por causa da vergonha e da culpa provocadas por sua existência e posterior encobrimento, vocês fazem de tudo para manter o eu inferior existindo, com todos os efeitos horríveis que isso tem sobre a personalidade, impedindo que consigam o que mais querem – superá-lo. Além disso, o auto-engano gera ainda mais confusão. Como se trata de um processo inconsciente, em que discriminação e a razão estão ausentes, além dos impulsos reais de destrutividade e atribuição de importância exagerada ao eu, vocês também escondem alguns dos impulsos e atitudes mais criativos e intrinsecamente construtivos – por pura falta de compreensão. Os impulsos e instintos que são potencialmente produtivos e vitais, se puderem se desenvolver à luz da consciência, são frustrados e, na forma atual, efetivamente destrutivos. Eles poderiam se transformar em algo belo, mas esse processo é frustrado devido à ignorância inconsciente, que os leva a acreditarem que a forma presente é a forma final, devendo portanto ter sua existência negada. Vamos agora recapitular, para deixar isso bem claro. A repressão do eu inferior tem três facetas: (1) os aspectos reais do eu inferior, em suas manifestações e tendências de caráter exageradas e distintas, bem como o clima geral sutil de egocentrismo e preocupação consigo mesmo, à exclusão de todos os outros interesses; (2) a repressão dos aspectos e tendências criativos e produtivos, e (3) a repressão de instintos que ainda são improdutivos e autocentrados, em seu estado imaturo, mas que estão destinados, por natureza, a tornarem-se criativos, produtivos e construtivos, se tiverem chance de se desenvolver. Essa chance não existe quando esses fatos são ignorados e tratados como se fossem em si mesmo maus.

É importante fazer essa distinção e perceber que as três categorias precisam ser aceitas e conscientizadas, cada uma por seus próprios motivos. Depois, muitas vezes se constata que aquilo que o ser humano tem de mais valioso para oferecer à vida é contido, negado e ocultado. Portanto, existe em vocês uma enorme confusão. É a confusão relativa às tendências reais do eu inferior que, segundo vocês acreditam, deveriam desaparecer quando sua existência é negada, quando se simulam intenções e desejos opostos. Por causa dessa confusão, vocês rejeitam a oportunidade de viver à luz da força vital potencialmente vibrante, de uma maneira bonita e saudável. As intenções e desejos opostos se misturam e se entrelaçam, e a personalidade entra em desespero devido a essa confusão. Tudo isso acontece num vazio nebuloso, numa terra de ninguém entre a consciência e a não consciência.

Pode ser proveitoso, meus amigos, refletirem sobre tudo isso nos meses no verão, em que não há atividades de grupo. Isso pode constituir um excelente preparo para o próximo ano do nosso

trabalho juntos, quando todos esperamos fazer nossos avanços no caminho. Primeiro perguntem a si mesmos, não a respeito de qual é a verdadeira natureza do seu eu inferior, ou o que vocês consideram ser essa natureza, mas sim qual é a sua atitude em relação à existência dele. Vocês ficam chocados com algumas de suas manifestações? Ficam impacientes consigo mesmos por causa dele? Vocês acham que ele já deveria ter desaparecido, e assim rejeitam o seu estado como seres humanos? Vocês também negam algo em si mesmos que poderia ser muito construtivo, se forem considerá-lo de uma nova perspectiva, sem a influência de padrões que assumiram sem jamais questionar sua validade? Comecem a observar as manifestações sutis do eu inferior em determinadas reações e impulsos. Observem como a tendência de vocês é imediatamente tirar aquilo da vista. Agora observem os desejos e atitudes dessas reações passageiras. Tragam tudo para a consciência, e examinem com tranquilidade. Vejam como tratam a si mesmos com rispidez e intolerância a esse respeito, como são rígidos, inflexíveis, como são severos e autodestrutivos, como esse tratamento é totalmente fora de propósito. Tudo isso é um trabalho preliminar saudável para as fases que estão por vir. É um dos lados da batalha.

E qual é o outro? O conceito da consciência é em geral mal entendido pela humanidade. Há alguns anos eu discuti o fato de que o homem tem duas espécies de consciência – uma que emana do eu real, sendo a outra uma consciência sobreposta. Essa palestra foi esquecida e, portanto, não incorporada a muitos aprendizados que vocês fizeram desde então. Assim, será proveitoso recapitularmos brevemente alguns aspectos da consciência sobreposta.

Quando falam em consciência, os religiosos pensam na consciência interior, que vem do centro divino do espírito humano. Mas em geral eles desconhecem a enorme diferença entre ela e esse outro tipo de consciência. A ânsia de melhorar o homem faz com que ele seja coagido a seguir e obedecer normas morais. Assim, a consciência sobreposta é fortalecida, e portanto a consciência interior, real, fica mais encoberta.

A consciência sobreposta não é uma necessidade para impedir que o homem aja com base em seus instintos primitivos destrutivos. Naqueles cuja consciência interior não está suficientemente desenvolvida para impedi-los de praticar atos destrutivos, a simples existência das leis sociais cumpriria esse objetivo tão bem ou melhor que a consciência sobreposta. Esta só faz mal. Como explicado anteriormente, na primeira faceta dessa luta interior, ela esconde o eu inferior em vez de trazê-lo à tona, e dessa forma elimina a possibilidade de fazê-lo superar seu estado infantil. Ela também esconde a força vital mais construtiva e criativa, e os impulsos que liberariam essa força. Ela instila a visão irrealista e distorcida de si mesmo e da maneira como a pessoa acredita que deveria ser. Ela cria a autopunição e algemas que coíbem as qualidades divinas inerentes à alma. Sem dúvida ela jamais impede o crime ou atos destrutivos. Acontece o contrário. Por causa da repressão e da ocultação, forças que poderiam ser facilmente manejadas na superfície da consciência germinam e se acumulam, criando assim tamanha tensão e pressão interior que a pessoa muitas vezes é levada a cometer atos que não pode evitar, no mínimo porque usa há muito tempo a consciência sobreposta, em vez de dar a si mesma a chance de finalmente entrar em contato com a consciência interior, que faz parte do centro espiritual do qual falamos. E finalmente, mas não menos importante, sempre que o homem se revolta contra as leis e todas as normas éticas e morais, ele o faz por causa dessa consciência sobreposta e dura, que não conhece misericórdia, que é inflexível em suas exigências e cega em sua avaliação. Ele nunca se rebela contra a consciência interior, real.

Assim, meus amigos, é importante entender que os obstáculos entre vocês e o eu interior, real, não são apenas os seus erros e equívocos, as suas falsas imagens e distorções, o eu inferior, mas também a consciência sobreposta. É esta que gera tanta confusão e que tantas vezes tira do alcance de vocês a liberdade e a verdade. É ela que os induz a rejeitarem a si mesmos como seres humanos. Entre suas exigências e as exigências da criança autocentrada e primitiva que ainda abrigam, vocês ficam dilacerados, em meio a uma tormenta. Enquanto essa tormenta não for trazida para o claro, jamais conseguirão dominá-la. Vocês não podem se desembaraçar dessas duas não realidades. Apegam-se à consciência sobreposta, acreditando erroneamente que somente ela pode impedir as ações com base nos instintos do eu inferior. Portanto, nunca adquirem uma confiança em si saudável, pois não se dão essa oportunidade. O respeito, a confiança saudáveis em si mesmo só podem vir do eu real, do qual vocês se afastam ainda mais na medida em que se prendem à consciência sobreposta. Dessa forma, entram em um daqueles círculos viciosos que já mencionamos tantas vezes. Como o homem ainda não encontrou seu eu real, ele se apega à consciência sobreposta. E porque age assim – obedecendo, conformando-se, conciliando – ele é como uma ovelha que segue cegamente um caminho. Por nunca desenvolver as faculdades independentes do raciocínio, da discriminação, da diferenciação, ele fica mais fraco, mais dependente e menos capaz de responder por si mesmo.

A ação exterior pode ou não ser a mesma. No entanto, há uma enorme diferença entre praticar um ato por escravidão e medo – em outras palavras, seguindo a consciência sobreposta – e seguir a voz da consciência real, num espírito de liberdade proveniente da luta interior de vocês, da sua intuição, da sua razão, mesmo que o resultado seja o mesmo. Se vocês se rebelarem contra a consciência sobreposta, não serão mais livres do que se obedeceram a ela. Se obedecerem a consciência sobreposta, e o resultado de tal decisão não for do seu agrado, os efeitos corrosivos serão rebelião, autopiedade, colocar a culpa na vida e no mundo. Se obedecerem a consciência real, assumirão responsabilidade por si mesmos, e nem mesmo um resultado negativo vai provocar desespero. Em breve verão que o resultado agradável ou desagradável não é tão vital quanto achavam que fosse, pois em ambos os casos vocês têm possibilidades iguais de crescimento, desde que seus atos e decisões sejam originários de vocês mesmos e dos seus padrões.

A luta entre a consciência sobreposta e a criança primitiva, autocentrada e destrutiva é trágica – trágica apenas porque vocês ignoram sua existência. Pois ela é muito supérflua.

É claro que a educação tem muito a ver com isso. Quando a humanidade toma ciência dessas coisas e leva os jovens na direção certa, muito prejuízo pode ser eliminado. No entanto, é importante saber que não é apenas a ignorância e a falta de orientação a esse respeito que são responsáveis pela luta interior, pois essa luta não se estende a todos os aspectos do seu ser. Existem áreas em que vocês apresentam muita liberdade e atuam sem se apoiar em exigências, normas ou regras sobrepostas – quer existam de fato ou se acredite que existam. Deve-se ressaltar que vocês obedecem a essa consciência sobreposta e não aceitam as deficiências ou os aspectos do eu inferior – reais ou imaginários – apenas nas áreas em que existem problemas interiores pessoais, específicos. Quando vocês pensarem neles no contexto dessa luta, vão entender como os seus problemas e essa luta específica estão associados.

Como sabem, os problemas e desvios da personalidade têm origem em mágoas e frustrações da infância – reais ou imaginárias. Quando vocês não estão certos do afeto e da aceitação de um ou de ambos os genitores, montam uma defesa complicada contra essa mágoa, procurando mais tarde saná-la. Vocês já constataram que é verdade que essa mágoa real da infância não precisa pesar sobre

a sua vida, mas a defesa que vocês continuam a usar, elimina a possibilidade de realização. A essa altura já sabem tudo isso muito bem, não como uma teoria, mas em muitos casos, com base na descoberta pessoal. O genitor que desperta desconfiança, que desperta medo ou pavor, porque a criança faz esforços ingentes para conquistar seu afeto, normalmente representa essa consciência sobreposta. Ela não incorpora apenas as normas sociais, mas também as normas particulares do genitor em questão, da própria consciência sobreposta dele. Muitas vezes acontece que vocês simplesmente acreditavam que aquele genitor esperava o cumprimento dessas normas e expectativas. É a atmosfera, o clima emocional que são tão importantes nessa investigação, e não a realidade.

Vocês não podem perceber toda a importância da consciência sobreposta se não a encararem no contexto da atitude que têm ou tiveram com relação a seus pais – as emoções específicas, as condições e a atitude dos pais para com vocês, bem como as resultantes imagens, padrões de comportamento e mecanismos de defesa que criaram. É somente mediante a visão do quadro todo que a luta entre a consciência sobreposta e o eu inferior real ou imaginado assume um novo significado e lhes dá a compreensão necessária para serem capazes de pôr fim a essa luta. O conhecimento geral dessa luta não pode trazer alívio, mesmo que vocês de fato a observem, tomem ciência dela. É essencial que a enxerguem no contexto dos seus problemas pessoais. A luta entre o eu inferior e a consciência sobreposta, no caso de uma pessoa, pode ser completamente diferente da luta de outra pessoa, mesmo que muitos de seus aspectos e manifestações sejam iguais.

Como eu disse antes, nessa luta vocês tratam a si mesmos com impiedosa dureza. Vocês impõem a si mesmos regras inflexíveis, como faria o mais cruel dirigente, muito além das normas não razoáveis que às vezes a sociedade impõe. Esses padrões exagerados e irracionais tornam impossível alcançar o centro interior, que pode lhes proporcionar um novo vigor, uma esperança realista – ao contrário de pensamento desejoso – antevisão, capacidade de tomar decisões maduras, autoconfiança, capacidade de amar e ser amado, capacidade de dar e receber, capacidade de se relacionar, para criar harmoniosamente uma vida proveitosa não apenas numa direção, mas em todas as esferas importantes da vida. Muitos encontraram um profundo senso de satisfação em algumas áreas da vida. Mas sentem-se insatisfeitos e solitários em outras. É comum essa situação ser racionalizada dessa forma: “Sou muito feliz em determinada área, por isso preciso abdicar da minha satisfação em outras áreas.” Mas isso não é verdade, meus amigos. Lá no fundo, vocês sabem disso. Não precisa ser assim, ser feliz em uma área em detrimento de outra. Há espaço para toda espécie de satisfação na alma saudável; para a pessoa que realmente atinge as profundezas do seu ser – não parcialmente, mas que abre todos os canais que até então estavam bloqueados. Nenhuma faceta da autoexpressão precisa ser prejudicada por causa daquelas que já foram liberadas. Mas, no fundo, vocês acham que não merecem tudo isso. Vocês nem mesmo têm um conceito de si mesmos em que se vêem realizados em todos os sentidos. Se prestarem atenção, vão ver como evitam fazer essa visualização, como ela parece ser uma exigência exagerada (e isso, apesar das exigências excessivas reais e infantis, que existem em outro plano). Isso prova que vocês não chegaram a um acordo consigo mesmos com relação a essa luta. Alguma coisa diz “não” quando vocês se visualizam como plenamente satisfeitos em todas as áreas da vida. Isso acontece por causa do tratamento duro, inclemente e intolerante que dão a si mesmos, por não terem se reconciliado com a criança autocentrada que existe em seu íntimo, que faz exigências injustas que não conseguem entender, porque não querem olhar para elas.

Vocês precisam aceitar plenamente essa criança primitiva, egoísta e destrutiva para que ela possa crescer. O único contexto em que isso é possível é o total conhecimento de todas as suas manifestações. Na medida em que a aceitarem, sem perder o senso de proporções quanto à sua “mal-

dade”, nessa medida terão condições de perceber, vivenciar e aceitar as faculdades mais elevadas que possuem. Vocês só podem perder o senso de culpa em relação à criança se e quando aprenderem a olhar para os impulsos que vêm dela e perceberem que, embora esse lado indesejável exista, vocês não precisam agir de acordo com ele. Pelo menos, não estarão se iludindo quanto ao seu estágio de desenvolvimento, e avaliarão todos os seus desejos sem transformá-los em prática. Nesse momento, vocês terão chances de vencer essa batalha impossível. Vocês vão se libertar da falsa consciência e, assim, adquirir a capacidade de ouvir a voz da consciência real.

Alguém tem perguntas sobre esse tema?

PERGUNTA: Eu já havia preparado uma pergunta, mas parece que ela se encaixa bem nessa palestra. É verdade que procuramos não apenas “entrar” na imagem idealizada do eu, mas procuramos também viver de acordo com o eu idealizado dos nossos pais? Isso está certo?

RESPOSTA: Está absolutamente certo. A impotência e a insegurança da criança fazem com que ela se esforce muito para ser aceita pelos pais. Ao fazer isso, ela acha que precisa adotar os padrões dos pais. Como eu disse antes, não importa até que ponto esses padrões são realmente dos pais, ou se é apenas a criança que acredita nisso. Assim, ela dá início a um processo de obediência falsa, fingida e superficial a determinados padrões, sem convicção interior. Ao fazê-lo, ela se afasta do eu real, que portanto fica mais fraco. Ela também fica duplamente ressentida e se sente traída quando esse modo de existir e ser não acarreta os resultados desejados, o que não pode acontecer mesmo. Como todos sabem, existe em todos vocês, em maior ou menor grau, o desejo de não deixarem de ser crianças, apesar do desejo igualmente forte de crescerem. A insistência em continuar uma criança que recebe cuidados torna necessário que sigam os padrões e a consciência sobrepostos. Com isso, vocês esperam induzir, coagir, e por assim dizer obrigar seus pais (ou os pais substitutos) a lhes darem, com atraso, aquilo que não tiveram. Assim, vocês perpetuam o processo até adquirirem uma percepção completa dele, com toda sua intensidade e seus efeitos colaterais.

PERGUNTA: Seria possível dar um exemplo específico, como você fez em algumas ocasiões, de alguns desses instintos que são realmente construtivos, mas que nós tratamos como se não fossem?

RESPOSTA: Um exemplo é o fato das pessoas, tantas vezes, bloquearem de propósito o canal da intuição. Elas têm medo, porque a mensagem recebida pode ser fora do comum. Elas querem evitar confrontar os dois lados e tomar uma decisão. Temem o risco da desaprovação, se seguirem a intuição. Isso acontece com muita, muita frequência.

Outro exemplo é o instinto sexual e erótico, que por natureza é totalmente criativo e gerador de união, se seu crescimento não for frustrado. Somente na versão imatura ele é autocentrado. A ênfase da sociedade em seu aspecto pecaminoso, como tal, muitas vezes faz com que esse instinto criativo continue autocentrado, oculto e sua expressão, quando existe, é autocentrada, enquanto a pessoa se sente culpada e pecadora – muitas vezes sem perceber essas emoções. Se as normas da sociedade pelo menos se voltassem para o verdadeiro “mal”, ela daria ênfase a todos os tipos de autocentrismo como algo destrutivo, e à necessidade de superar essa separação. Quando o instinto criativo é frustrado, a satisfação emocional fica obstruída e prejudicada, a capacidade de relacionar-se é afetada, e além disso há uma paralisia da força vital geral, com seus efeitos curadores, regeneradores. Isso se aplica não apenas a casos extremos, que sem dúvida todos vocês conhecem, mas de uma

maneira mais sutil, também pode se aplicar às pessoas mais esclarecidas, que jamais sonhariam que têm desejos inconscientes desse tipo. A influência destrutiva desse fator se manifesta muitas vezes como um distúrbio da relação entre os sexos. Esse distúrbio pode ser tão sutil e oculto quanto o conceito errado a esse respeito. Ela pode criar um padrão de ruptura constante de relacionamentos, de incapacidade de manter um relacionamento, ou de nem conseguir formar um relacionamento no verdadeiro sentido.

Os seres humanos só podem tornar-se verdadeiramente humanos – e, portanto, finalmente divinos – se os homens aceitarem sua masculinidade e as mulheres, sua feminilidade. Mas os distúrbios interiores sempre fazem o homem lutar contra sua condição de homem e a mulher, contra sua condição de mulher. Todos os seres humanos são dotados de tendências masculinas e femininas. Na pessoa saudável, os dois aspectos funcionam juntos em harmonia, e fazem o homem mais masculino e a mulher mais feminina. As tendências do sexo oposto não são combatidas nem artificialmente ressaltadas, como faz a pessoa que tem medo de ser o que é. Portanto, a compatibilidade dos aspectos masculino e feminino torna o homem mais homem e a mulher mais mulher.

Muita coisa pode ser dita sobre esse assunto, e será dita mais tarde. Não podemos falar de tudo agora. Vou apenas mencionar alguns dos aspectos mais vitais da questão. Ao frustrar os instintos naturais, muitas vezes o homem frustra sua masculinidade. Ele tem medo da independência, porque assim parece estar renunciando ao privilégio de ser amado, o que ele erroneamente atribui apenas à mulher e à criança. Ao combater a independência, ele combate sua masculinidade. Mas ao negar sua necessidade de amar, por causa do equívoco de que dessa forma ele não será másculo, ele também combate sua masculinidade. Além disso, ele combate com base no medo equivocado de que toda a sua agressividade masculina e saudável seja a mesma coisa que sua agressividade doentia, sua hostilidade – resultado do acúmulo de mágoas que ele não conseguiu resolver. Portanto, muitas vezes ele acaba preso a uma dupla confusão. A verdadeira agressividade masculina saudável é confundida com a hostilidade, que gera a sensação de culpa. Assim, ele se sente culpado também pela agressividade e energia masculinas e saudáveis. Não consegue separar as duas coisas. Simultaneamente, ele reprime a necessidade de afeto e amor, pois acredita que não são coisa de homem. Ao mesmo tempo, reluta em desistir da dependência infantil, que pode nunca ser manifestada exteriormente, mas que existe assim mesmo. Com todas essas confusões de conceitos inconscientes, ele contraria a naturalidade e saúde de sua masculinidade, ao tentar adaptá-la às circunstâncias. A forma saudável não consegue se manifestar com naturalidade e espontaneidade.

Na mulher ocorre uma luta semelhante. Quando a menina se sente rejeitada, ela fica passiva e desamparada. A passividade e o desamparo, como um dos aspectos da feminilidade, são sentidas como uma humilhação que ela combate, lançando mão de seus traços masculinos como arma contra a feminilidade, que ela passa a temer e associar à situação de desamparo humilhante. Ela acredita, erradamente, que ficar magoada, sem poder fazer nada, é a feminilidade, que passa a combater. Ao mesmo tempo, ela também acha que todas as suas tendências criativas e ativas são consideradas não femininas pelo mundo, e talvez isso também se reflita na sua inteligência, inventividade ou coragem. Então, ela passa a combater também essas tendências. Isso, naturalmente, tem interdependência com seu medo da verdadeira feminilidade. Na medida em que ela combate a feminilidade e cultiva as tendências masculinas como uma arma contra sua feminilidade, nessa mesma medida, muitas vezes ela cria artificialmente uma falsa feminilidade, ao reprimir as suas chamadas tendências masculinas. Mas essas tendências não são mais masculinas do que a necessidade de amor do homem é feminina. A inteligência dela, sua coragem, sua atividade em muitas esferas da vida, sua independência de espí-

rito poderiam realmente intensificar sua feminilidade, se fossem assumidas. Mas como ela combate a passividade e a capacidade de se doar totalmente, ela precisa reprimir artificialmente a atividade, para criar a caricatura de uma mulher

Esses são bons exemplos que podem ser usados na sua busca e estendidos a determinados casos. Isso responde a sua pergunta?

PERGUNTA: Sim, ajuda muito. Acho que deve ser difícil responder à pergunta que vou fazer. Pode ser uma bobagem minha, de certa forma, mas pensando do ponto de vista do sexo, no caso de pessoas solteiras e sem compromisso que estão em busca de um relacionamento feliz, que grau de promiscuidade você defende?

RESPOSTA: Não defendo nenhum grau de promiscuidade. O que você quer dizer com promiscuidade?

PERGUNTA: Você disse que o instinto sexual é natural e certo. Mas até que ponto se pode ir?

RESPOSTA: A única resposta que posso lhe dar, meu caro amigo – e isso se aplica a essa pergunta e também a qualquer outra – é que se uma pessoa acha, no fundo do seu ser, sem influência da consciência sobreposta, que alguma coisa é certa para ela, então é certa. E isso não tem necessariamente relação com o resultado satisfatório ou insatisfatório da situação. Se a abordagem for sincera, sem divisões, arcando com total responsabilidade pelas consequências, assumindo pleno compromisso com o relacionamento, seja em que nível existir, se não houver falso moralismo disfarçando os problemas e prejudicando a verdadeira moralidade, não há nada errado. Talvez não exista nenhum outro tema em que as pessoas transfiram tanta responsabilidade (que deveria caber a elas) para as “regras”, pelo simples motivo de terem medo de se arriscar.

Esse mundo seria diferente se mais pessoas fizessem, fosse o que fosse, com todo o coração – um relacionamento com outra pessoa, a leitura de um livro, uma caminhada, uma conversa. Esse planeta é infeliz como é, porque as pessoas estão divididas; elas não fazem coisa alguma sem atenção e motivação divididas. Raramente existe um compromisso total no que o homem faz. Ele serve a dois, três ou dez senhores ao mesmo tempo, mas nunca serve a seu eu real. O homem sempre quer que tudo seja perfeito. Quer uma garantia infalível, até o fim de seus dias. Como sabe perfeitamente bem que isso não pode ser, recusa-se a assumir um compromisso total, usando como disfarce a necessidade de ser “decente” e obedecer todas as regras morais da sociedade. Se essas regras de fato existirem ou absolutamente não, ele passa por cima.

A perspectiva, do plano de onde falo, é tão diferente que muitas vezes até as palavras não significam a mesma coisa. Quando vocês elevarem a consciência, chegarão a um entendimento diferente dos conceitos, termos e valores. Do nosso ponto de vista, a promiscuidade pode ser um único ato – mesmo que ele seja aprovado pela sociedade humana – se esse ato não for proveniente de um compromisso total. Quando usamos essa palavra, não estamos falando nunca de quantidade, mas apenas de qualidade.

Enquanto a humanidade enfocar qualquer pergunta – seja do tipo que você fez, ou política, social, religiosa, ou relativa a qualquer outra atividade ou atitude humanas – do ponto de vista de

regras pré-fabricadas, em que uma coisa é certa e outra é errada, vocês continuarão a viver sob o jugo da consciência sobreposta, que supostamente tornaria tudo tão fácil e simples. Vocês continuam abatidos pela luta entre a criancinha primitiva que há em seu íntimo e a consciência sobreposta. Se vocês não estivessem travando essa batalha, perguntas como essas nem seriam feitas. Essa pergunta é a expressão exatamente dessa luta que mencionei.

Espero que vocês não me entendam mal. Sem dúvida eu não defendo a licenciosidade. Talvez de uma maneira diferente, o eu real pode ter padrões mais estritos do que os da consciência sobreposta. Muitas vezes é mais difícil seguir esses padrões, porque eles podem exigir que vocês vão contra a opinião pública. Mas a severidade pode ser em um sentido muito diferente. A consciência real abomina qualquer espécie de autoengano. Ela é implacável quando o homem tenta trapacear a vida, muitas vezes usando a consciência sobreposta e as regras pré-fabricadas como um escudo contra o compromisso total.

Que esses meses de verão sejam um período proveitoso, que os ganhos do ano que passou possam amadurecer e dar frutos. Que esse período seja utilizado para vocês consolidarem o aprendizado do ano passado e terem uma ideia do patamar em que se encontram e o que resta conquistar. A próxima temporada de trabalho promete ser tão bem-sucedida quanto esta, e todos aqueles que continuarem a viajar nesta estrada para o autoconhecimento, dando um combate sem tréguas à resistência, terão como recompensa muito mais libertação. O ano passado sem dúvida os levou para mais perto do centro do seu ser. Se prosseguirem nessa trajetória, o ano que vem representará mais um passo em direção a essa luz interior que é a fonte de toda a vida.

Sejam abençoados, todos. Recebam o amor e a força que fluem para vocês, como uma ajuda do lado de cá, para que os canais se abram. Sejam abençoados mais uma vez. Fiquem em paz, fiquem com Deus.

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode somente ser impressa para uso estritamente pessoal. De acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitido sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.